

suas meditações de pura inteligência. e abajar certo

160
v

1. Reynaldo Houng
2. Meio de semana
3. Correio do Povo
4. Crônicas sobre o menino e o polígono
5. Porto Seguro
6. 3 de março de 1949
7. n.º 128
8. seção - Arte e Literatura
9. Sem
10. Quênia Ester
11. 8 de abril de 1994

MEIO DE SEMANA

(Especial para o "Correio do Povo")

Reynaldo Houng

Com certeza o menino não
faz no fim da noite a
porta do sonho se entrea-
sriu. O menino não estava
voando, não, que isso ele sen-
tia muito bem. Mas também
não andava com seus pró-
prios pés. Era como se tivesse
pés de anjo e deslissasse, mais
por aquele mundo estranho
que se desdobrava para além
da porta mágica. A
rá enorme olhava

para ele com seus grandes olhos rajados de ouro. Estava sentada sobre almofadas verdes de musgo, e seu busto azul era tão verdeado que palpitava de vida.

Os estampidos minúsculos se repetiam agora sem cessar. O menino deslizou pela margem do lago imenso que surgiu do fundo de noite como a lamina azul de um espelho. Suas praias encostas de ligeira bruma, brilhavam luzes instáveis de nêofotes, alvos relâmpagos de claridade leitosa.

Com certeza, o menino pensou, com certeza está sendo travado alguma batelha naval. E de repente ali bem perto dele, dois cruzadores cinzentos do tamanho de um sapato de gente grande, surgiram se perseguindo, fuzilando disparos com seus pequenos canhões. Então o menino já estava juntando seixos na praia para tomar parte também na batalha.

naval. ro de repente começou a ser embalado, embalado, estava num balanço mágico, imenso que o levava até o meio do lago e depois voltava fazendo-o de novo, uma sensação ao mesmo tempo deliciosa e inquietante de elasticidade impossível no diafano espaço da noite.

Os tiros das esquadras pareciam agora mais distantes. Ainda um avião do tamanho de um bezerro quando passou zunindo perto dele. Bombas estalararam na água. Qualquer coisa passou sibilando na noite e se perdeu na escuridão da distância. Depois nada, nada. Os estalidos perdidos, longe, bem longe, em outras paragens do lago que deveriam ser algum mar incomensurável.

A respiração do menino voltou à normalidade. A porta mágica foi se fechando em silêncio. Só a noite se dissolvendo em bruma, lá fora mirava ao longe pela gola de uma sirene.

A noite vinha vindo, vi-
nha vindo, a noite se desco-
lava das águas deitadas
da enseada, que pareciam
mais profundas, e caiu do
alto resvalando sobre o
frágil vento como uma
bolha imensa. O rapaz
de despoito anos ficou pa-
rado de repente olhan-
do em extase para o poente
amarelo, sentindo a trans-
parencia do mauso crepus-
culo de outono, cor de li-
mão, cor de caramelo, era
ouro de um amarelo de no-
vel antigo, quase caldo de
limão contra a luz visto
num espelho, já escurecen-
do e rara quantidade de
verde como nunca nessas
inúveis labaredas onde a
cinza, o azul metálico de
asa, o explosivo vermelho...
mas esse quase impercepti-
vel verde.

foi esse rapaz que fi-
cou ali na praia parado
de repente, sentiu e não era
possível dar expressão a

REY
CLI 0260
SIST. 59310

coisa nenhuma. Mesmo pelo
ocaso que diante de outras
outras coisas. Era só o momen-
to, forças misteriosas existiam nele
circulando. Passageiros, impalpá-
veis e repentinos tentáculos do
mundo do espírito porque ele
era o poeta, e escrevia poemas,
estava começando, visitava
revistas, tudo tão difícil! Sua
sensibilidade reagia, como a
superfície nova de um metal
polido. Estava descobrindo o
mundo pela sensibilidade. E
as ondas que vinham dessa
domada, distancia exterior
e banhavam as praias e os
rochedos abstratos de seu
planeta íntimo, eram diferen-
tes de todas as ondas de
todos os mares de todos os
homens de todos os espíritos
que antes dele haviam absor-
vido num hausto de surpre-
za e estranha beleza oculta
em todas as coisas. Nessa
maravilhosa ilusão particu-
lar ele escrevia poemas como
o primeiro poeta do mundo.
Estava começando, tudo
era difícil, mas na'cega

felicidade que o embalava ha-
via uma embriaguez dioní-
saca, como a daquele momen-
to das uvas esmagadas
na evaporação do crepusculo,
daquele verde raro de um
instante, daquela fuga do
espírito fascinada pela nova
expressão que parecia estar es-
perando lá em cima, no alto,
em parte nenhuma, esparsos
nos vitrais do poente.

1. Rinaldo Moura
 2. Meio de semana T-482
 3. Coneio do povo
 4. A importância da leitura para o embasa-
 5. Porto Alegre [evento cultural]
 6. 10 de março de 1999
 7. n.º 134
 8. seção - Arte e Literatura
 9. Som
 10. Amélio de? Rodrigues
 11. 9 de abril de 1994
- MEIO DE SEMANA

Rinaldo Moura

Tudo na vida é uma
questão de leitura. O mundo
moderno é essencialmente